



Empanadas com caipirinha, por que não¹

Empanadas with caipirinha, why not

Susana Valansi

*Arquiteta e urbanista FADUUBA, Doutora em Integração de América Latina
PROLAMUSP e Professora visitante estrangeira da Universidade Federal da Integração
Latino-americana UNILA. susana.valansi@unila.edu.br*

¹Texto original escrito como trabalho final para CBD 5822 PROLAM-USP, Universidade de São Paulo, TEIXEIRA COELHO NETO: A CULTURA FLUTUANTE. DINÂMICA CULTURAL NO NOVO SÉCULO - julho de 2003. Revisado e atualizado, dezembro de 2016.

Resumo

Reflexões sobre o conceito de cultura e seus condicionantes, tais como exílios, territórios e fronteiras. Relato autobiográfico sobre diversas situações vividas decorrentes da migração provocada pela última ditadura militar na Argentina. Indagações sobre os processos de integração regional. Uma olhada para trás, um exercício de memória.

Palavras-Chave: cultura, exílio, fronteira, integração regional, memória

Abstract

Thoughts about the concept of culture and its conditions such as exiles, territories and frontiers. Self-report on several situations experienced by the migration caused by the last dictatorship in Argentina. Doubts about the processes of regional integration. A look backward, an exercise of memory.

Keywords: culture, exile, frontier, regional integration, memory

Para uns, o tempo passa voando, para outros não termina de passar. Qual é a medida do tempo? Tratamos o tempo como algo material: o possuímos, o gastamos, o poupamos, o desperdiçamos, segundo Edward Hall (1990,7). Diz o Milton Santos que *“O tempo se dá pelos homens. O tempo concreto dos homens é a temporalização prática, (...) interpretação particular do Tempo por cada grupo, cada classe social, cada indivíduo”* (2007, 79). E também que *“o tempo como sucessão é abstrato e o tempo como simultaneidade é o tempo concreto, já que o tempo é a vida de todos”* (1997, 127). Treze anos não são tantos, mas o abismo que existe entre a realidade de hoje e a daquele momento é enorme; pouco tempo para tantas transformações na vida de todos. No primeiro semestre de 2003, Brasil e Argentina estreavam novos governantes. Nas suas agendas, um dos pontos principais era a refundação do MERCOSUL, aquele acordo de livre-comércio iniciado com a assinatura do Tratado de Asunción em 1991, que tinha entrado em crise por não ser tão livre, e que nessa nova conjuntura estava sendo repensado de uma maneira mais integral, tanto que havia encontros de “Mercocidades”, bienais de arte entre outras atividades, numa intenção

planejada de encontro de culturas. Desse processo resultou a incorporação de mais países ao bloco suprarregional, como a incorporação da Venezuela e também uma virada mais política que comercial com relação à integração mediante a formação da UNASUL². A criação da Universidade da Integração Latinoamericana, Unila³, na Tríplice Fronteira com Argentina e Paraguai representou a contribuição brasileira ao processo de integração regional dando ênfase à necessidade de uma resposta com relação à formação acadêmica; um projeto político pedagógico do governo brasileiro cujo objetivo principal, segundo seu documento de fundação é o *“fortalecimento das relações culturais e a valorização da cultura e da memória latino-americana, (...) visando contribuir para a integração regional”* (Unila, 2009).

Hoje, parece que esses dois países estão fazendo uma virada radical olhando para outros nortes, cambiando “futuro por passado”, segundo o ato falho cometido pela governadora eleita da Província de Buenos Aires no momento de conhecer o resultado das eleições na Argentina⁴. E o Brasil troca democracia por golpe - mais futuro por passado -, numa manobra parlamentar semelhante à realizada anteriormente com outros governos populares na Região, como no caso de Fernando Lugo, no Paraguai em 2012. Também sofreram ataques os governos populares de Rafael Correa do Equador e de Evo Morales na Bolívia. E para completar o quadro de retrocesso, América Latina perde a uma de suas figuras mais emblemáticas, morre Fidel Castro, líder da Revolução Cubana.

²Segundo informação, que consta na página oficial do bloco supranacional, a Unión de Naciones Suramericanas foi criada em 2008 como uma forma de impulso à integração regional em energia, educação, saúde, meio-ambiente, infraestrutura, seguridade e democracia. Seus doze países membros são a República Argentina, o Estado Plurinacional de Bolívia, a República Federativa do Brasil, a República de Colômbia, a República de Chile, a República do Equador, a República Cooperativa de Guiana, a República do Paraguai, a República do Peru, a República de Suriname, a República Oriental do Uruguai e a República Bolivariana de Venezuela. Disponível em <http://www.unasursg.org>

³Em 2007, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva envia um projeto de lei ao Congresso Nacional, que viria a criar a Unila, em 2010. Lei No.12189/2010.

⁴No segundo turno das eleições de 2015, Maria Eugenia Vidal foi eleita Governadora da Província de Buenos Aires. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NhF0nSoBTiY>

Tempo e memória, costumam andar lado a lado. O tempo, sem memória, é como se ele não tivesse acontecido. Sem memória o risco de repetir os mesmos erros é muito grande. A memória é a leitura coletiva do tempo de todos.

Nada é por acaso, nada é gratuito, desconexo, sempre que se começa a escrever acaba-se fazendo uma análise da própria história de vida. Diante de uma proposta de trabalhar com o conceito de cultura surgiram momentos e vivências sobre os quais é necessária uma reflexão cuidadosa. Sobre exílios deve-se escrever, a reflexão que exige cada palavra no texto vai além da forma e ajuda a recompor os pedaços que este ocasionou. E não importa que se tenham passados poucos ou muitos anos dessa experiência, a fratura sempre reaparece, com uma fisgadinha no peito. Memória é essa olhada para trás, essa volta ao passado que está presente no aqui e agora. De novo tempo e memória.

Sou uma dos tantos que, na América Latina tomada por ditaduras militares, experimentaram o exílio na década de 1970 e que uma vez mudadas as condições políticas no país de origem, optou por ficar no lugar de acolhida, escolheu a migração. Se tomarmos o termo exílio com rigor, eu não fui exilada já que não houve nenhum decreto me banindo do meu território natal. Mas também não houve nenhuma sentença de morte para os 30.000 desaparecidos daquele regime militar - entre os quais conto com uma dezena muito próxima -, nem para os 500 bebês que tiveram sequestradas suas identidades, número estimado, dos quais recuperamos uma centena, que até agora são 120, para sermos precisos 121, segundo informações das *Abuelas de Plaza de Mayo*⁵, e que desde 1997 trabalham incansavelmente para recuperarem seus netos, graças ao “índice de *abuelidad*”, um estudo genético que garantia um 99,99% de eficiência na determinação de parentesco. Devo destacar que cada neto recuperado é uma vida conquistada, uma história que não se perdeu no limbo, uma identidade que se recompõe e que soma à construção do tempo de todos, à memória.

⁵ Disponível em: <http://www.abuelas.org.ar/video-galeria/conferencia-restitucion-nieto-276>

Perante esse quadro, melhor do que ficar esperando para ver o que podia acontecer, a alternativa foi sair antes que fosse tarde demais. Grávida pela primeira vez, não podia arriscar um futuro como esse para o meu filho, nem para minha mãe. Pode-se dizer então que eu fui uma expatriada, que optei por morar noutro país por motivos pessoais ou sociais. Tratou-se de uma opção pela vida.

Voltar para casa nesses anos, nem pensar; alguns que o fizeram não estão mais para contar o que aconteceu, sabemos que eles foram recebidos e sistematicamente eliminados, com os dados fornecidos pela Operação Condor a todos os governos genocidas da Região que participavam dela. Solicitar refúgio nas Nações Unidas, também não era uma alternativa; isso de ter que ir para Suécia ou algo parecido e suportar longos períodos de frio e escuridão me apavoravam; estava grávida e não me imaginava longe da mãe para acompanhar a gestação com seus conselhos. O inverno suave de São Paulo começava a aquecer meus medos, aquietava aos poucos a minha alma, apesar das bombinhas das festas juninas e dos escapamentos dos fuscas que traziam lembranças de outros estouros, disparos e bombas.

O idioma era parecido, mas era estranho, com um monte de sons diferentes que até hoje são difíceis de ouvir e pronunciar. Eu sabia desde a época do colégio que “minha terra tem palmeiras...”. Resulta engraçado agora tomar consciência que a primeira coisa aprendida em português tenha sido a Canção do Exílio de Gonçalves Dias. Tinha estudado *no Instituto Nacional Superior del Profesorado en Lenguas Vivas*, rara instituição do ensino médio público argentino na qual, na época, podia-se ter o privilégio de estudar português no último ano do colegial como disciplina optativa. E já tinha cantado, também na mesma época adolescente, que morava num país tropical, mesmo sem compreender o significado da letra toda (“tenho um fusca e um vilão?”) e vibrado com os gritos de “olha lá, olha lá, olha lá” do relator de futebol na Copa de '70 sem sequer imaginar por que ele gritava assim feito um louco, o que ele estava dizendo; o resto viria com o tempo, aprende-se o “jeitinho”, o “jeitinho de falar devagarinho essas histórias de

“você”. Ouvindo a Elis Regina cantar “Minha Namorada” de Vinicius de Moraes foi quando entendi o significado dessa palavra, já em São Paulo, depois aprendi a utilizá-lo como saída e solução: o jeitinho brasileiro.

No exílio, tudo é precário, tudo é fugaz. A casa do exilado é ele mesmo. Assim como teve que sair às pressas de seu lugar natal, pode ter que deixar esse novo lugar de acolhida a qualquer momento. Não tem garantias de permanência, não tem nada que o segure, está de passagem. Edward Said, nas suas reflexões sobre o exílio diz que “*O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias*” (2003, 58). Você tem muito mundo para rodar ainda, me dizia um antropólogo exilado brasileiro, recentemente repatriado naquela época, que tinha feito o percurso Brasil-Chile-Argentina-França-Polônia-Estados Unidos. Sem dúvida ele tinha rodado bastante mundo antes de voltar, confirmando a precariedade e provisoriedade da permanência nos lugares para o exilado. Mas eu precisava ficar, precisava armar o ninho para minha cria que nasceria poucos meses depois da chegada. Precisava me apropriar de um território, uns poucos metros quadrados eram suficientes, um lugar que fosse meu, onde eu pudesse recriar minhas marcas. No rádio por aqueles dias escutava-se Mercedes Sosa cantando com Milton Nascimento *Volver a los 17*, da Violeta Parra, e aos poucos iam chegando meus livros, meus discos (artefatos do século XX, que serviam para ler e ouvir música), algumas das minhas roupas, meus pedaços de vida. A proximidade, os 2500 km entre São Paulo e Buenos Aires ajudavam nessa recomposição e cada um que viajava trazia alguma coisa para contribuir: *yerba* para o mate (que não é definitivamente a mesma coisa que chimarrão), *dulce de leche* (o melhor do mundo), até um envelope com terra da *Plaza San Martín*, a minha praça da infância e adolescência, e folhas amarelas das árvores das ruas no outono. Porque o outono no sul do continente é cinza, as ruas e calçadas nas cidades ficam cobertas das folhas amarelas e castanhas que caem das árvores cujos galhos ficam carecas e frágeis; uma paisagem característica dos climas subtropicais.

Mas por que a decisão de ficar, de não voltar, sete anos depois, quando isso foi possível? As razões foram muitas, entre elas a pergunta de qual seria o lugar ao qual voltar. O exílio “*é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar*”, segundo Said; há um corte com todo o que é o passado, os vínculos, as referências, os lugares, as histórias. O lugar do qual eu tinha saído não existia mais. É verdade que a tristeza essencial que ele provoca jamais será superada, que as “*realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre*” (2003, 46). Uma vez experimentada a fratura e se deparar com o que foi quebrado, o melhor a fazer é aprender a conviver com essa falta e encarar um trabalho sério de reconstrução. Quem sabe se foi pelo respeito ao esforço realizado de adoção de uma nova realidade, pelas raízes que se foram espalhando e dando frutos em outros territórios, quem sabe por novas identificações, novos desafios, quem sabe também por vencer a comodidade da casa da mãe e da necessidade de crescer. Porque aquela tristeza profunda estava deixando de ser a tal, estava dando espaço para uma nova dignidade. “*Time is like space – only the here and now is quite real (Navajo)*” (Hall, 1990, 12). Somente o aqui e o agora é o real. Porque, apesar das perdas familiares, o lugar de acolhida demonstrava a cada dia que éramos bem recebidos, que éramos queridos, aceitos e integrados, obviando a tradicional rejeição aos meus compatriotas, muitas vezes merecida, principalmente em se tratando de futebol. Coisas de *hermanos*, sem dúvida.

Mas todas essas razões precisam ser um pouco mais desenvolvidas e são as que dão sentido ao título deste texto. Empanadas com caipirinha não são um novo conceito da *nouvelle cuisine* latino-americana, são uma forma de pensar meus encontros e fronteiras. Não se trata de sarar feridas já que elas estão razoavelmente cicatrizadas, as fraturas deixaram suas marcas, mas da para conviver com elas. As questões são outras, se trata de uma forma de trabalhar e aprofundar alguns conceitos fundamentais para o processo de integração regional, no qual estamos comprometidos e que pode e está sofrendo revezes. O tempo fala, segundo Hall (1990, 1). Ele

“...não somente jogará luz na forma em que o tempo se mistura com tantos outros aspectos da sociedade como dará as pautas para ter acesso aos segredos da linguagem eloquente da cultura que se expressa e fala de tantas maneiras diversas”.⁶ (Hall, 1990, 19, trad. livre da autora)

E o processo de integração é, acima de tudo, um processo cultural que implica tempo, compromisso e memória.

Contradições do exilado. A escolha ou não deste ou daquele lugar, desta ou da outra identidade, quem somos nós ou quem são eles. Said diz que

“...ver ‘o mundo inteiro como uma terra estrangeira’ possibilita a originalidade da visão. A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas”. (Said, 2003, 59)

a consciência da origem e a do lugar de acolhida. Faz um tempo que superei o problema da escolha de um ou outro lugar, não tenho como escolher, para mim são os dois lugares. Dimensões simultâneas que se somam e visão multiplicada.

Esse compromisso antes mencionado com a integração regional, no meu caso particular, é um pouco parcial. É óbvio que apoio e tento contribuir para a integração de toda a América Latina e o Caribe, mas preocupa-me, principalmente, a integração Brasil-Argentina, por motivos já explicitados, e que para mim é uma questão vital; a maneira de completar a recomposição dos meus próprios pedaços.

“No sólo vivimos gracias a la cultura. También vivimos en aras de la cultura. Los sentimientos, la convivencia, la memoria, la afinidad, el lugar, la comunidad, la plenitud emocional, el disfrute intelectual, y la sensación de que todo tiene un sentido, todo ello nos resulta algo mucho más cercano que las declaraciones de derechos humanos o los tratados comerciales”. (Eagleton, 2001, 225)

Saindo da problemática individual, vejo como necessário levantar três eixos de análise do conceito cultura: a relação entre cultura e território, a questão

⁶ No original: *It will not only shed light on the way time is meshed with many other aspects of society but will provide a key to unlock some of the secrets of the eloquent language of culture which speaks in so many different ways.*

da identidade cultural e a da hibridação cultural, sem pretensões exaustivas, com a intenção de trazer um pouco de clareza às ideias.

A CARA DA TERRA: CULTURA E TERRITÓRIO

É comum que as pessoas que ficam próximas por muito tempo acabem assemelhando-se. Adotem formas comuns de se vestir, se alimentem de maneiras parecidas, enfim tenham hábitos semelhantes. Da mesma maneira que o contato com os outros modifica meu comportamento, o contato com determinado meio natural, determinado tipo de solo, clima, topografia, configura rasgos próprios nos grupos humanos e por sua vez, essas pessoas deixarão suas marcas características na paisagem. Podemos dizer que esse grupo que se constituiu a partir de um território tem uma cultura e que essa cultura é um elemento constitutivo desse grupo, estabelecendo uma relação dialética entre o artificial e o natural, entre o produzir e ser produzido. O meio ambiente determina e condiciona a cultura que por sua vez modifica e condiciona o primeiro. “Os seres humanos não são meros produtos de seus entornos”, diz Eagleton, “e esses entornos também não são pura argila que possa ser moldada da forma que quiserem. A cultura transfigura a natureza” (2001, 16, trad. livre da autora) e a transforma em paisagem, mas essa transformação obedece a limites estritos impostos por ela. Também, segundo Eagleton, só se pode considerar que um grupo forma uma cultura quando, além de pertencer a um mesmo lugar ou a uma mesma geração, compartilham hábitos linguísticos, tradições populares, imagens coletivas, ou seja, quando soma à realidade material uma experiência vital, tensão entre a produção e o produto. Maffesoli fala de uma ligação “*entre o prazer estético (a emoção comum) e a harmonia física e social*”, e mais adiante relaciona essa emoção comum a uma inscrição espacial que se trataria de “*uma verdadeira memória coletiva*”, pois acrescenta que o “*espaço é tempo que se cristaliza*” e que os grupos sociais desenham suas formas sobre o território e

“encontram suas lembranças coletivas no quadro espacial assim definido” (1996, 274).

Todo território é delimitado por fronteiras. Montenegro, citando Bourdieu diz que as fronteiras são “vestígios de atos de autoridade que consistem em ações de circunscrever os territórios, impor definições de consenso sobre a unidade ou identidade do espaço” (2010, 16. trad. livre da autora). As culturas se desenvolvem dentro dessas fronteiras. As fronteiras são lugares de contato, de troca, de intercâmbio. As fronteiras também são lugares de interseção. Garcia Canclini diz que “poucas culturas podem agora estar descritas como unidades estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado” (2001, 22, trad. livre da autora). Está se perdendo a *“relação ‘natural’ da cultura com os territórios geográficos e sociais”* (1997, 309), dados os processos de desterritorialização, reterritorialização, agrupamentos regionais que vem acontecendo desde os últimos anos do século passado, com a globalização. Esse processo experimenta alguns avanços e muitos retrocessos, principalmente neste último ano, com os novos governantes eleitos e outros não tanto, nos países envolvidos.

Continua dizendo que

“...hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”. (Canclini, 1997, 348)

Assim, a minha cultura ganha no contato com a outra, quando abro as fronteiras que a contém, as deixo permeáveis. As fronteiras, esses lugares de interseção, não são mais rígidas, são porosas; porosidade que se acentua principalmente nos tempos de crise, onde se busca como sobreviver mais dignamente.

Ainda, sobre cultura e território, Said destaca que assim como as fronteiras são barreiras *“que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para*

além da razão ou da necessidade”, numa alusão às guerras produto de intolerância cultural e conclui que “O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência”. (2003, 58)

O meu território de análise para a presente discussão sobre cultura é bastante particular e limitado. Não se trata de compreender a realidade da “totalidade” do território brasileiro, nem a “totalidade” do território argentino e sim a particular e parcial cultura que se desenvolve nas cidades ribeirinhas dos rios Tietê e Paraná, chegando ao *Rio de la Plata*⁷. Há variações no clima, mas estas não são muito acentuadas. Há variações topográficas, planícies absolutas e barrancos, alguns morros para falar de algumas das referências materiais de conformação da cultura, o meio físico. Existe um meio natural comum, um “rio urbano”. Coincidentemente, um desses rios determina a fronteira política entre os países; a cultura nesse trecho é muito particular: é cultura de fronteira fluida, líquida. De novo Maffesoli fala desses lugares de encontro, de fronteira fluida como

“...lugares onde é possível reconhecer-se a si próprio, ao se identificar com os outros, lugares onde, sem se preocupar com o domínio do futuro, ordena-se seu presente, lugares, enfim, onde se elabora essa forma de liberdade intersticial, em ligação direta com o que é próximo e concreto”. (Maffesoli, 1996, 274)

SOYQUIENSOY: IDENTIDADE CULTURAL

Lendo um romance de Marcela Serrano encontro esta frase: *“El paisaje de la infancia es una forma de identidad. Es, en definitiva, una pertenencia a la que cualquier peregrino desea regresar”*. Quem sabe esta citação não devia estar no item anterior. Ela demonstra que as questões relativas à cultura não podem ser estanques, isoladas. Existe uma íntima relação entre cultura, território e identidade; por isso é necessário entender o conceito de

⁷Essa delimitação do território foi a do recorte estudado durante a pesquisa de doutorado e continua a ser estudado no Observatório Latinoamericano de Intervenções Urbanas, como integrante do Grupo de Estudos de Políticas e Intervenções Urbanas Latinoamericanas-GEPIULA.

identidade cultural, onde reside a identidade, qual é o seu caráter, se natural ou construído, se estático ou dinâmico.

Diz Edward Said, no seu ensaio sobre *Identidade, autoridade e liberdade*, que

“...uma das grandes lições do espírito crítico é que a vida humana e a história são seculares, ou seja, são construídas e reproduzidas por homens e mulheres. O problema da insinuação de uma identidade cultural, nacional ou étnica é que ela não leva suficientemente em conta que essas identidades são construções, em vez de presentes de Deus ou artefatos naturais”. (Said, 2003, 200)

Impossível não notar a ironia desta citação. Em outro trabalho, *O choque de definições*, em que desenvolve uma crítica ao ensaio de Huntington, *Choque de civilizações*, ele não só reafirma o anterior como acrescenta que “no campo dos estudos culturais e retóricos, ...a própria ideia de identidade envolve fantasia, manipulação, invenção, construção” (Said, 2003, 329), e que sua natureza é dinâmica e duvidosa.

Dando continuidade a essa ideia, o lugar da construção da identidade é o Estado. É a educação oferecida a que configura a identidade cultural e nacional. A escola é o lugar onde se afirma a identidade cultural e nacional. Os autores consultados confirmam que as questões sobre identidade são uma construção moderna, da segunda metade do século XIX, no processo de formação dos Estados Nacionais como justificativas para seus abusos, seja na anexação de territórios na Ásia e na África, seja na aniquilação de povos nativos na América, criando a sua própria teoria da missão cultural ou civilizatória. Civilização ou barbárie era o lema liberal da época que justificava qualquer atrocidade cometida às outras culturas.

O modernismo cultural deu o impulso e o repertório de símbolos para a construção da identidade nacional, segundo Garcia Canclini. Ele agrega que para os tradicionalistas, “a identidade cultural se apóia em um patrimônio, constituído através de dois movimentos: a ocupação do território e a formação de coleções”. E continua dizendo que “ter uma identidade seria,

antes de mais nada, ter um país, uma cidade, um bairro”, reforçando a noção de cultura e território, “uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável”, dando um caráter imutável e estático para a cultura. Reforçando que “nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos”. Completa a ideia dizendo que

“...aqueles que não compartilham constantemente esse território, nem o habitam, nem tem, portanto os mesmos objetos e símbolos, os mesmos rituais e costumes, são os outros, os diferentes”. (Canclini, 1997, 190)

As festas cívicas e religiosas, comemorações patrióticas, os heróis nacionais são alguns dos elementos que se definem como patrimônio e identidade nacional. Dessa maneira, pode-se falar de uma identidade “argentina” ou uma identidade “brasileira”, como abstrações. No ato fundador dos dois países, suas elites fizeram questão de deixar claro quem eram os heróis de cada um deles, o papel do Mitre e do Duque de Caxias na Guerra do Paraguai, o “virumdum”⁸ e o “oidmortales”⁹, fazendo de conta que, tanto um como o outro país eram homogêneos, sem diversidades étnicas internas, sem particularidades locais. A abstração facilita a definição da identidade, mas também estereotipa certos rasgos e priva a cultura de uma de suas características fundamentais que é seu caráter móvel e mutante, e também, ao mesmo tempo a desvincula de sua história de formação. A identidade de uma sociedade é uma construção histórica que resulta da maneira como uma sociedade, ela mesma, se imagina e se constrói. Ou seja, que a identidade é uma construção que se da ao longo do tempo, num processo de longa duração.

A identidade é um rasgo de distinção de um determinado grupo, que pode fazê-lo para afirmar sua coesão interna ou para proteger-se dos outros, dos estranhos. García Canclini diz que, no mundo fluidamente interconectado,

⁸ Referência primeiro verso do hino do Brasil: “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas...”

⁹ Referência ao primeiro verso do hino nacional argentino: “¡Oíd, mortales!, el grito sagrado: ...”

estudar os processos culturais serve para conhecer formas de se situar no meio da heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações, mais que levar-nos a afirmar identidades autossuficientes.

HIBRIDAÇÃO CULTURAL

Ao referir-se à América Latina, Garcia Canclini diz que *“por ser a pátria do pastiche e do bricolage, onde se encontram muitas épocas e estéticas, teríamos o orgulho de ser pós-modernos há séculos de um modo singular”* (1997, 24). Ele lembra que a hibridação nas culturas latino-americanas presentes ainda hoje vem das raízes indígenas, algumas com mais e outras com menos peso, confrontadas e misturadas às matrizes espanholas e portuguesas, acrescentadas pelos aportes da imigração europeia do fim do século XIX e início do XX.

Las culturas híbridas en lostiempos globalizados é o título da introdução para a edição em espanhol de 2001, em que começa dizendo que foram os estudos sobre hibridação os que modificaram a maneira de falar de temas como identidade, cultura, diferença, multiculturalismo. Aproveita essa nova edição para responder a várias críticas recebidas sobre seu trabalho e atualiza sua definição, colocando a ênfase nas “estruturas e práticas discretas”, resultado elas mesmas de hibridações também e não de fontes puras (2001, 14). Cita a fórmula proposta por Brian Stross segundo a qual, na história, passa-se de ciclos de formas mais homogêneas a outros mais heterogêneos e assim por diante sem que nenhuma forma seja totalmente homogênea nem pura, para descrever o trânsito do discreto ao híbrido, e às novas formas discretas. Esses são os chamados “ciclos de hibridação”. Às vezes, isto ocorre de maneira planejada, mas depende fundamentalmente da criatividade individual e coletiva nos processos migratórios, turísticos, de intercâmbio econômico e de informações. A criação de blocos regionais como o MERCOSUL e o UNASUL seriam uns desses momentos planejados de hibridação. A experiência vivida pela Universidade Federal da Integração

Latino-americana-UNILA seria outro desses momentos planejados de hibridação, se bem que o seu objetivo é mais ambicioso, já que

“...tem por missão contribuir para a integração solidária e a construção de sociedades na América Latina e Caribe mais justas, com equidade econômica e social, por meio do conhecimento compartilhado e da geração, transmissão, difusão e aplicação de conhecimentos produzidos pelo ensino, a pesquisa e a extensão, de forma indissociada, integrados na formação de cidadãos para o exercício acadêmico e profissional e empenhados na busca de soluções democráticas aos problemas latino-americanos”. (Unila, 2009, TÍTULO II, Art.4º)

segundo consta no seu Estatuto. Encontros como o de Fito Paez e Herbert Viana, dois músicos populares e reconhecidos em cada um de seus países, são exemplos de envolvimento individuais no processo de hibridação, assim como o antes citado de Mercedes Sosa e Milton Nascimento. A apropriação de algumas palavras da gíria brasileira pelos jovens argentinos como “pirar”, entre outras, demonstra a participação de grupos.

Edward Said nos faz lembrar que nenhuma cultura existe isoladamente, que *“devemos ver quais são as outras tradições, as outras comunidades nacionais, as outras culturas que também são comunicadas quando se estuda a cultura própria”*. E segue dizendo que *“ao longo da história, cada sociedade teve seu Outro”*, mas que desde o século XIX, todas as culturas, todas as sociedades estão *“entremisturadas”*. Completando, como vimos anteriormente ao tratar de identidade que *“nenhum país é composto por nativos homogêneos; cada um tem seus imigrantes, seus Outros internos, e todas as sociedades, tal como o mundo em que vivemos, são híbridas”* (2003, 199). Vivemos num mundo feito de numerosas identidades em interação, não sempre de maneira harmoniosa, e é essa interação ou processos de hibridação que fazem relativas as noções de identidade.

De novo, segundo Canclini, o pensamento e as práticas mestiças são recursos para reconhecer o diferente e elaborar as tensões que a diferença cria e vai além, quando propõe a hibridação como o caminho do multiculturalismo ao interculturalismo, ou seja, que as várias culturas deixem de preocupar-se

com questões de afirmação de grupo, identidade e comecem a trabalhar nas inter-relações entre elas, a fluidez das mesmas, reconhecendo as diversidades e afirmando as solidariedades. A seguir, a citação na língua original do autor:

“...el pensamiento y las prácticas mestizas son recursos para reconocer lo distinto y elaborar las tensiones de las diferencias. La hibridación, como proceso de intersección y transacciones, es lo que hace posible que la ‘multiculturalidad’ evite lo que tiene de segregación y pueda convertirse en ‘interculturalidad’”. (Canclini, 2001, 20).

Cita a Said quando considera os exílios e as migrações como condições propícias para as mesclas e a fecundação entre as culturas, assim como os territórios de fronteiras e as grandes metrópoles (2001, 29). As grandes cidades, muito mais que os lugares de fronteira são palco propício para esses encontros e misturas: o encontro do erudito e do popular, do nacional e do estrangeiro, do folclórico e do moderno, do local e do global.

OUTRA VIAGEM

Depois de muitos anos, tenho a oportunidade de voltar ao lugar onde tudo começou, volto à porta de entrada. Graças a um convite de participação em banca de concurso de seleção docente, viro professora visitante na UNILA antes citada. Estou “na fronteira” outra vez, na Tríplice Fronteira. Tenho a oportunidade de experimentar o movimento espiral dos processos, passando pelos mesmos lugares, mas com novas perspectivas. Na primeira passagem não existia a ponte, refiro-me à Ponte Tancredo Neves que une os dois países; agora existe o projeto de uma nova para complementar a Ponte da Amizade que une Brasil ao Paraguai. Tempo e memória. Diz Milton Santos que *“enquanto a memória é coletiva, o esquecimento e a consequente (re)descoberta são individuais, diferenciados, enriquecendo as relações interpessoais, a ação comunicativa”*. Rara oportunidade de verificar a validade desses conceitos, de redescobrir lugares e cheiros, de estabelecer novas conexões com a bagagem coletiva da memória. E continua dizendo

que contrariamente ao que se acredita atualmente “*quanto menos inserido o indivíduo (pobre, minoritário, migrante...), mais facilmente o choque da novidade o atinge*”. Completa seu pensamento afirmando que “*O homem de fora (neste caso, a mulher de fora) é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação*” (1997, 264). Não considero a minha consciência congelada, mas tenho claro que carrego certo excesso de bagagem de memória que vem de outros tempos e lugares.

“A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado”. (Santos, 1997, 264)

Uma vez elaborada a dor do corte provocado pelo exílio, adquire-se uma liberdade bastante particular e consegue-se dar valor aos ganhos conseguidos com a experiência. Hoje me sinto mais rica que vários dos meus próximos. Consigo ver dois lados ao mesmo tempo, sem ter por isso problemas psicológicos. Faço constantemente o trânsito entre minha cultura original e minha cultura de adoção. Vou e volto entre uma e outra, sem medo de me perder no trânsito, sem “dramas” de identidade. Meu cosmopolitismo é limitado: não pertencço a um lugar, pertencço a dois. Não é verdadeiro que sou uma cidadã do mundo. Na fronteira continuo sendo uma portenha-paulistana, ou para ser mais precisa, sou uma portenha-pinheirense, ao que pode somar-se boquense-corinthiana, amante de caipirinha com pouco açúcar - ou sem nenhum, dependendo da fruta - e do vinho tinto, que odeia tomar café da manhã em padarias, para horror da grande maioria dos brasileiros. Essa é a minha identidade, por enquanto.

A reflexão que Maffesoli nos propõe sobre o paradoxo do “*enraizamento dinâmico*”, ou seja, de “*pertencer inteiramente a um lugar dado, mas nunca de maneira definitiva*”, eu a vivo cotidianamente. E se a coisa aperta aqui, basta pegar o carro e atravessar a ponte que já se respira outro ar, se vive um pouco da outra cultura, outro “sítio”. “*O sítio é vivido com os outros*”.

(1996, 271). Não tem prazer maior, estando aqui na fronteira, do que programar um churrasco com os colegas e sair para comprar as carnes e o vinho em *Puerto Iguazú*; e quando se tem saudade de vida de espaço público dar um passeio pela Costanera da mesma cidade.

Como disse antes, agora superei o problema da escolha. Não se trata deste ou daquele lugar, é este e aquele. Inclusão, não exclusão. A experiência do exílio e depois da migração obrigou-me a usar outro idioma, sentir outros cheiros e sabores, acostumar-me com outras rotinas e outros códigos, respeitar as diferenças, ir a outro mundo e voltar ao original, sentir-me “nós” e sentir-me “eles”, dependendo do dia e da lua. Citando novamente a Maffesoli, “*Sou de um mundo que partilho com outros. Mundo emocional, mundo afetual que dá todo o seu sentido e toda sua força à expressão ética da estética*” (1996, 274). Aprendi que as estações do ano em São Paulo e também aqui na fronteira não se diferenciam tanto pelo frio ou calor que faça e sim pelas cores das florações nas árvores: junho com ipê roxo, setembro com ipê amarelo, outubro chão coberto de amarelo pelas flores de tipuana e sibipiruna, dezembro vermelho flamboyant. Aprendi a amar São Paulo nos feriados prolongados e pular as sete ondinhas na meia noite do ano novo, vestida de branco. Aprendi que “comida” é arroz com feijão, o resto é mistura ou frescura.

Alguns aprenderam antes e mais facilmente a transitar por outras culturas. Eu, portenha e branca tive que perder tudo, ser desterrada para apreender que o mundo é diverso, que existe “o outro”. Esse aprendizado ajudou-me a entender que a própria Argentina é diversa, porque só depois dessa experiência tive claro que Buenos Aires não era “o País”. Que nem tudo era branco, ocidental, alfabetizado. Essa experiência me fecundou, para usar uma expressão do Canclini. Empanadas com caipirinha, então, por que não. Mas eu prefiro comê-las com um bom copo de vinho tinto argentino, se ainda me permitem.

Susana Valansi, *brargentina ou argenleira desde 10 de maio de 1977, desejando que voltem a soprar os ventos favoráveis à integração*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Néstor G. *La Globalización Imaginada*. Buenos Aires: Paidós, 1999. 2ª reimp. 2001.
- _____. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar y salir de la modernidad. Nueva edición. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- _____. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997
- EAGLETON, Terry. *La Idea de Cultura: una mirada política sobre los conflictos culturales*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2001. Título original: *The Idea of Culture*. Oxford: Blackwell, 2000.
- HALL, Edward T. *The Silent Language*. New York: Anchor Book, 1990.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MONTENEGRO, Silvia y Verónica Giménez Béliveau. *La Triple Frontera: globalización y construcción social del espacio*. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2010.
- SAID, Edward. *Reflexões Sobre o Exílio e outros Ensaio*s. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo; razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997, 2ª ed.
- _____. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Edusp, 2007, 5 ed. 1 reimpr.
- SERRANO, Marcela. *Nuestra Señora de la Soledad*. Buenos Aires: Suma de Letras, 2002.
- UNILA. *A UNILA em construção: um projeto universitário para América Latina*. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009